

Alejandro Arnutti

Portfólio

JAN/2026



índice

mini bio

03

statement

04

série
A Nação Pampa

19

crítica

33

série
inacabados

34

esculturas

41

currículo

45

contato

46

mini bio

Alejandro Arnutti (1981), nascido em Artigas-Uruguai, vive e trabalha em Uruguaiana-RS. Desde a infância, realizava desenhos in loco da vida rural no campo onde cresceu e trabalhou ao lado da família até a juventude. Em seguida, dedicou-se à pintura e à escultura e iniciou viagens por recantos rurais do interior do RS, Uruguai e Argentina.

Sua produção aborda a cultura local e o cotidiano do trabalhador campesino e evidencia como essas estâncias familiares são decisivas para preservar a biodiversidade do bioma Pampa (o mais devastado do país), bem como a cultura e as tradições do RS, oriundas da miscigenação entre o índio Charrua e o

colonizador ibérico (também tema de sua pesquisa).

Possui obras em acervos públicos das Prefeituras de Uruguaiana/RN e Quaraí/RN, e das Câmaras de Vereadores de Uruguaiana/RN e Piracicaba/SP, além de coleções particulares na Espanha, Inglaterra, EUA, Alemanha, Uruguai, Argentina, Chile e Brasil. Foi premiado em salões e editais relevantes, como o “Encuentros del Arte Contemporáneo”, em Punta del Este/Uruguai, o prêmio “Trajetórias Culturais”, do Instituto Trocando Ideia (Porto Alegre/RS), e, em 2025, recebeu o Prêmio Aquisição no LXX Salão de Belas Artes de Piracicaba/SP.

statement

Nasci, cresci e ainda vivo no Pampa. Por vezes morei do lado uruguai (desde a infância), e outras do lado brasileiro (radicado até hoje).

Muito viajei por diferentes cidades do Uruguai, Argentina e Rio Grande do Sul. E por conhecer de perto quase toda a extensão territorial deste bioma foi que sempre me interessei pela sua cultura e suas rupturas históricas.

A mais de dez milênios os Charrua e outras etnias chegavam, vindos da Patagonia, para dominar essas terras, vivendo como nômades caçadores-coletores. A chegada do colonizador ibérico trouxe a estas terras o cavalo e o gado, que se procriaram livremente; e o Charrua se transformou em um exímio cavaleiro, com habilidades únicas, e da miscigenação deste com o colonizador surge o Gaúcho.

Os sesmeiros (grandes beneficiários de terras da Coroa portuguesa) foram gradualmente tomando posse das terras antes ocupadas apenas pelos indígenas. Mas encontraram a resistência principalmente dos Charrua, o único povo nativo da região a nunca ter aceitado essa “domesticção” religiosa, cultural e territorial do colonizador, e por consequência sucessivamente foram caçados e mortos. Como resposta eles praticavam os “malones”: ataques surpresa, bem orquestrados, com a finalidade de matar inimigos, roubar seu gado e suas esposas brancas, e tudo mais que conseguissem carregar.

Com o tempo e a implantação das cercas de arame farpado, que impediam a livre circulação no Pampa, os gaúchos, que antes tinham uma vida semelhante à do Charrua, se vêm obrigados

a passar a trabalhar para os sesmeiros para assim continuar vivendo no campo, e com isso passam a ser chamados de “paisanos”.

Porém hoje os peões das estâncias isoladas nos interiores do Pampa são o último vestígio vivo de muitos costumes dos gaúchos e dos Charrua. São a essas localidades que eu busco visitar periodicamente para acompanhar, registrar e pintar seus ritos cotidianos, vividos longe da família e dos confortos urbanos. Essas propriedades também desempenham papel crucial na conservação da biodiversidade do Pampa, ao praticarem pecuária extensiva em campos nativos, modelo ecologicamente sustentável que, ao contrário de outros estados, não exige desmatamento nem amplia emissões de carbono.



Alejandro Arnutti
Entre a Tesoura e o Latido Amigo
2026
[série *O Pampa Costurado com Arame Farpado*]
Assemblagem: impressão em Fine Art sobre tela, pedaços de madeira parcialmente pintados com tinta a óleo e arame farpado.
65x82x4,5 cm



Alejandro Arnutti
Romaria de Um Só Chapéu
2025
[série *O Pampa Costurado com Arame Farpado*]
Assemblagem (impressão em Fine Art sobre tela, pedaços de madeira de cerca parcialmente pintados com tinta a óleo, arame farpado)
73x93x4,5 cm



Alejandro Arnutti
Ofício na Mão, Causo na Boca
2025

[série *O Pampa Costurado com Arame Farpado*]

Assemblagem (impressão em Fine Art sobre tela, pedaços de madeira de cerca parcialmente pintados com tinta a óleo, arame farpado)
67x85x4,5 cm

Depoimento sobre a série “o Pampa costurado com arame farpado”

O advento das cercas de arame farpado no Pampa marca uma ruptura histórica. Antes, os Charrua e outras etnias ocupavam esse território há mais de dez milênios, como nômades caçadores-coletores. O gaúcho nasce da miscigenação entre estes com o colonizador ibérico, e por muito tempo leva modo de vida próximo ao dos Charrua. Com a chegada dos sesmeiros (grandes beneficiários de terras da Coroa portuguesa) e, depois, com a generalização das cercas de arame, consolida-se o extermínio dos Charrua, que recusavam a “domesticação” e os limites impostos, sendo gradualmente caçados e mortos; ao mesmo tempo, o gaúcho é convertido em funcionário das estâncias, rebatizado como “paisano”.

Os peões de estância são hoje o último vestígio vivo de muitos costumes dos gaúchos e dos Charrua. São a essas estâncias isoladas que Alejandro retorna para acompanhar, registrar e pintar seus ritos cotidianos, vividos longe da família e dos confortos urbanos. Essas propriedades também desempenham papel crucial na conservação da biodiversidade do Pampa, ao praticarem pecuária extensiva em campos nativos, modelo ecologicamente sustentável que, ao contrário de outras regiões, não exige desmatamento nem amplia emissões de carbono.

Ainda assim, o Pampa perdeu mais de 3,3 milhões de hectares de vegetação nativa apenas no RS, nos últimos quarenta anos. Cerca de 35% de sua área foi convertida em monoculturas, sobretudo soja e eucalipto. Hoje, é o bioma mais devastado do Brasil, com estimativas de desaparecimento por volta de 2043. Essas monoculturas reduzem, ou mesmo extinguem, espécies — como o gato-palheiro, felino mais ameaçado do mundo, restrito ao Pampa — e comprometem serviços ecossistêmicos essenciais, como o controle da erosão e a regulação do ciclo da água, diminuindo drasticamente a infiltração hídrica do solo.

Diante desse contexto, essa obra da série “O Pampa Costurado com Arame Farpado” nasce do registro dessas estâncias ecologicamente sustentáveis, onde a agropecuária segue tradições locais que articulam produção, preservação do bioma e responsabilidade com as gerações futuras, resgatando o cotidiano de um ecossistema antes equilibrado.

Nas obras desta série a pintura a óleo sobre a madeira não recompõe integralmente a fotografia subjacente. A cerca de arame farpado é, aqui, símbolo de controle (decide o que passa ou não) e a pintura se insurge contra esse limite. Apenas fragmentos da imagem conseguem “ultrapassar” a barreira e chegar à frente da madeira, enquanto as cores e texturas do próprio poste permanecem visíveis e atuam como parte ativa da composição.



Alejandro Arnutti
UM CHARRUA AINDA VIVO
2025
[série *O que restou dos Charrua?*]
Óleo sobre tela, 120 x 80 cm

Depoimento sobre a obra “Um Charrua Ainda Vivo”

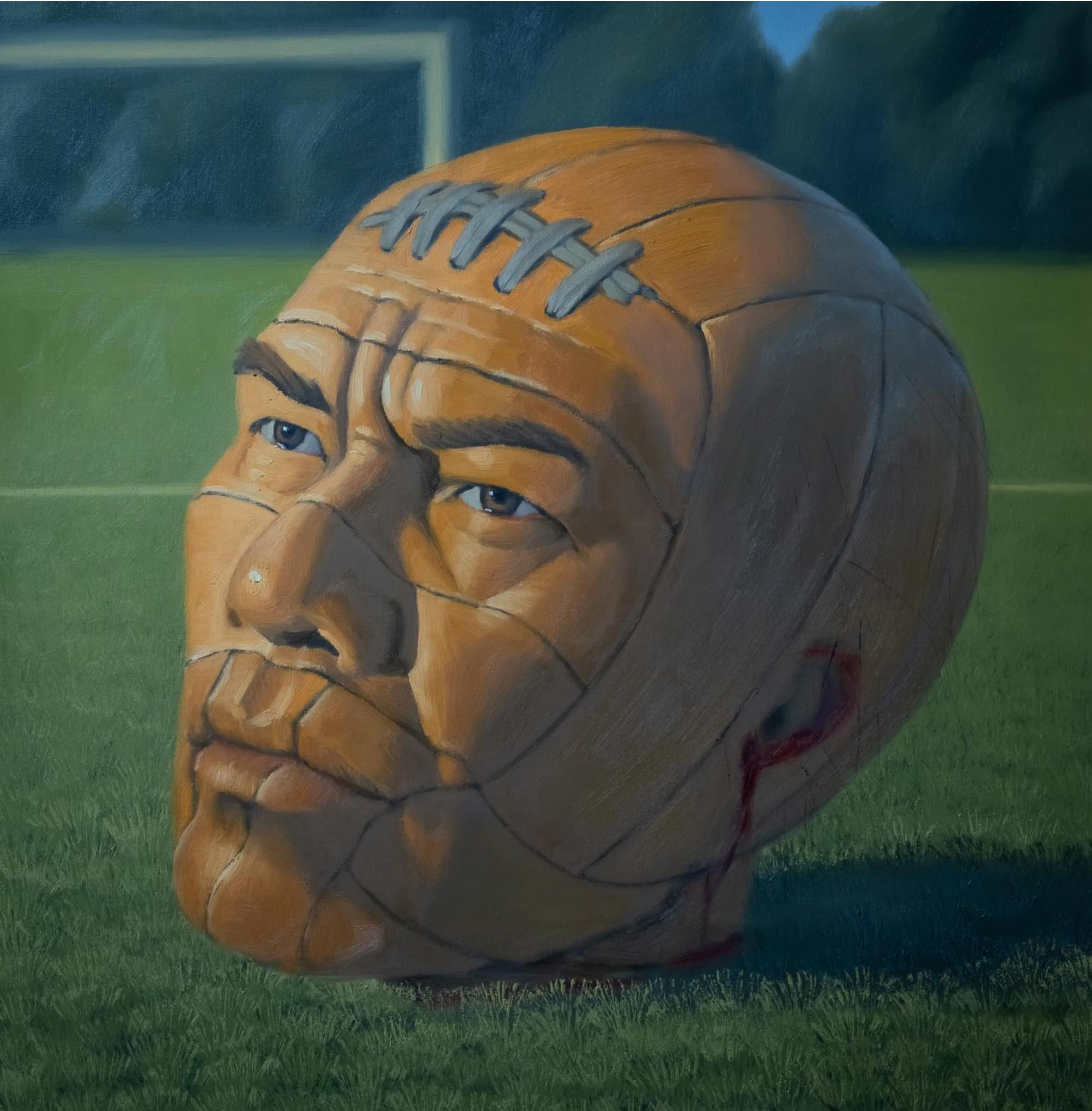
O indivíduo retratado nesta obra chama-se Elso. Ele é um dos pouquíssimos descendentes da etnia Charrua vivo residindo no sul do Brasil, terra que em um passado anterior a colonização pertenceu a eles, assim como o Uruguai e parte da Argentina.

A intenção deste retrato é mostrar elementos do mundo do Elso, e, por isso, seu corpo é seu mundo entendido como planeta, e como tal tem um centro de gravidade que torna possível caminhar, e até voar, sobre ele os pequenos descritos a seguir:

Podemos ver em seu braço direito que avançam soldados da cavalaria imperial brasileira em movimento de espiral para cima, chegando ao ombro, e em seu rastro vão deixando as cercas que serviam para demarcar a distribuição de terras que antes eram dos Charrua, e das quais foram gradualmente expulsos, quando não eram cassados e mortos.

Já no seu abdômen vemos avançar um “malón”, como eram chamados os ataques surpresa que os índios costumavam dar para defender seu território. Eles cavalgam deitados na lateral do cavalo carregando suas lanças rente ao chão tanto para contar com o efeito surpresa fazendo os soldados pensarem que se tratava apenas de uma manada de cavalos selvagens cavalgando a esmo, e também para conseguir atacar com suas lanças enquanto se protegiam do ataque inimigo.

Em seu ombro esquerdo dois bois se refrescam a beira de um açude, e sobre eles voam uma formação em V de pássaros João-grande, típicos dos Pampas. Sobre o couro que veste o Elso, do lado esquerdo um filhote de javali; e do lado direito, escondido na sombra, um “gato palheiro”, que habita nosso bioma Pampa e é o felino mais ameaçado de extinção do mundo, restando pouquíssimos deles, e sua existência é desconhecida da grande massa no Brasil.



Alejandro Arnutti

LA GARRA CHARRUA DEL MASACRE DE SALSIPUEDES

2025

[série *O que restou dos Charrua?*]

Óleo sobre tela, 60 x 60 cm

Depoimento sobre a obra “La Garra Charrua en el Masacre de Salsipuedes”

O indivíduo retratado nesta obra chama-se Adriano da Silva, e além de amigo pessoal ele é o Cacique da comunidade dos pouquíssimos Charrua e descendentes que residem em Uruguaiana-RS. Ele foi pintado decapitado e com a orelha decepada (como terminaram muitos de seus antepassados) e também com o aspecto de uma bola de futebol usada na copa do mundo de 1930. Na sequencia explico o motivo.

No Uruguai o futebol é uma paixão nacional talvez maior do que no Brasil, se é que isso é possível. Todos se perguntam como um país tão pequeno de apenas 3 milhões de habitantes foi capaz de tantas conquistas futebolísticas na história, como ser um dos maiores vencedores de Copas Américas, e em especial a conquista da copa de 1930 e o Maracanazo de 1950. E a resposta é uma só e todos os uruguaios em coro tem na ponta da língua: é por causa da “garra Charrua” que os jogadores têm. Os Charruas foram uma etnia que ocupou principalmente o território uruguai antes da colonização, mas também o sul do Brasil e parte da Argentina.

Mas atualmente o país onde menos descendentes de Charruas existem é no Uruguai. Inclusive se você pesquisar no google a wikipedia vai te informar que não existe mais nenhum Charrua vivendo em território uruguai. Isso porque no começo do século XIX o próprio governo uruguai atraves de seu Presidente Fructuoso Rivera decretou a erradicação do povo Charrua do Uruguai, e assim eles orquestraram e executaram o “Massacre de Salsipuedes” onde conseguiram reunir todas as lideranças Charrua e grande parte dos índios homens com a desculpa de que o governo iria contratá-los e remunerá-los para que defendessem as fronteiras do país de forças inimigas, e então executaram a emboscada matando a maior parte dos Charrua, e levando os sobreviventes para serem escravos em Montevidéu.

Muito poucos conseguiram fugir e se salvar. Desde então a etnia passou a viver escondida e fugiu para o Brasil e Argentina. E nesses países eram caçados pelos capangas dos estancieiros sesmeiros que recebiam prêmios se voltassem da caça portando orelhas de Charruas mortos.



Alejandro Arnutti
**A MAJESTOSA NATUREZA VENHO
SE EXIBIR OU SE VINGAR?**
2025
[série *O que restou dos Charrua?*]
Óleo sobre tela
90 x 150 cm

Depoimento sobre a obra “A Majestosa Natureza Venho se Exibir ou se Vingar?”

Nos tempos da colonização os índios Charrua não ficavam inertes ao roubo de suas terras e a morte dos seus por parte dos colonizadores espanhóis e portugueses, e como vingança executavam os chamados “Malones”: ataques surpresa com o objetivo principal de matar seus inimigos, roubar seu gado e as mulheres brancas, assim como tudo o mais que pudessem carregar.

Esses ataques eram feitos a estâncias, vilarejos e cidades, e eram planejados explorando o efeito surpresa, e uma das formas de fazer isso era explorando a neblina das cerrações das manhãs de inverno onde cavalgavam deitados na lateral do cavalo de forma a esconder seu corpo dos colonizadores, e carregando suas lanças rente ao chão para não serem vistas. Assim eles faziam pensar aos colonizadores que se tratava apenas de uma manada de cavalos selvagens cavalgando livremente, até que, quando se aproximavam o suficiente, estes endereçavam para o ataque.

Por isso a cena representada na obra é a visão que o colonizador tinha da chegada do “malon”, e como não conseguia ver os índios nos cavalos, mas sim apenas uma belíssima cena proporcionada pela natureza, eles se perguntavam se aquilo era um presente ou um ataque, e de forma geral esta era a ultima visão que esses colonizadores tinham em vida: um ataque fantasiado de presente.

Depoimento sobre a obra “Recanto Solitário de um Capataz”



Obra inspirada em fotografia de Alejandro Arnutti, realizada na estância Rincón de los Yaguarí, no interior de Rivera, Uruguai. A cena revela o modo de vida do capataz — figura máxima na hierarquia dos funcionários da estância — que, assim como os demais, vive longe da família, com quem convive presencialmente apenas uma vez por mês.

Esses personagens reais habituaram-se a permanecer distantes dos confortos urbanos, preservando a essência dos hábitos regionais e resistindo às pressões uniformizadoras da globalização. Seus descendentes, porém, já não se adaptam a essa existência solitária, deixando de dar continuidade ao trabalho e ao legado de seus progenitores, o que leva ao progressivo desaparecimento dessa cultura.

Alejandro Arnutti
RECANTO SOLITÁRIO DE UM CAPATAZ, 2025
[série *A solidão da imensidão*]
Óleo sobre tela, 120 x 80 cm.



Alejandro Arnutti
**IMAGEM CAPTADA POR
ARMADILHA FOTOGRÁFICA NO
CERRO DO JARAU**
2024
óleo sobre tela, 60 x 90 cm
*Prêmio Aquisitivo no LXX Salão de
Belas Artes de Piracicaba/SP*

Depoimento sobre a obra “Imagen Captada por Armadilha Fotográfica no Cerro do Jarau”

A paisagem que aparece na obra iniciada no registro da minha lente fotográfica e depois a tela pelos pinçais é o chamado Cerro do Jarau, uma formação rochosa formada por uma cratera de meteorito localizada na beira da BR 377. Lugar onde cruzei incontáveis vezes desde criança. A vegetação presente na obra é o bioma nativo do Pampa preservado.

Aqui o IBAMA capturou um gato palheiro (felino mais ameaçado de extinção do mundo) para estudos, e devolvido a natureza com um colar rastreador. Seus avistamentos são tão raros que as poucas imagens que existem deles são geralmente fotografias captadas com armadilhas fotográficas colocadas em pontos estratégicos na mata nativa do Pampa. Eles já perderam 80% da área do seu habitat para a agricultura, e estima-se que o número de indivíduos presentes nestes 3 países somados seja de entre 35 e 50 gatos palheiros. Na pintura ele aparece a direita acompanhando o gaúcho nas suas lides enquanto olha atentamente e com desconfiança o observador da obra.

Nela também homenageio meu pintor acadêmico favorito, o uruguai Juan Manuel Blanes, colocando refletida ali na agua a imagem de 2 gaúchos que estão presentes na obra “Los Dos Caminos”. Essa é minha forma de convidar o observador a conhecer essa bela obra desse grande artista.

Depoimento sobre a obra “Imagen Captada por Armadilha Fotográfica no Rincón de los Yaguarí”



O “Rincón de los Yaguarí” é uma estância localizada no município de Rivera, no Uruguai, onde são preservadas as tradições de manejo do gado na pastagem nativa do Pampa, preservando assim a biodiversidade deste bioma, além de preservarem tradições e costumes da cultura Gaúcha.

Alejandro Arnutt
IMAGEM CAPTADA POR ARMADILHA FOTOGRÁFICA NO RINCÓN DE LOS YAGUARI, 2024
óleo sobre tela, 50 x 50 cm

a Nação Pampa

Esta série se debruça sobre cenas colhidas no interior do RS, do Uruguai e da Argentina, região que muitos nomeiam de Nação Pampa, por partilhar uma mesma cultura, hábitos, valores, gastronomia e indumentária sob o mesmo bioma. São belezas discretas, ofertadas pela natureza, acompanhadas da resiliência do peão de estância, habituado à solidão e à distância dos centros urbanos, guardião da essência dos costumes regionais e resistente às pressões homogeneizadoras do mundo globalizado.

Tratam-se de paisagens em paulatino desaparecimento, seja pelo desmatamento do bioma Pampa e sua substituição por monoculturas — sobretudo a soja —, seja pelo fato de as novas gerações não se adaptarem a essa vida isolada, preferindo os confortos urbanos e, assim, interrompendo o trabalho e o legado de seus progenitores.



Alejandro Arnutti
UMA JANELA PARA O PAMPA
2025
[série *A Nação Pampa*] 20
óleo sobre tela
145 x 210 cm



Detalhe da obra da
página anterior



Detalhe da obra da
página anterior

Depoimento sobre a obra “uma janela para o Pampa”

Esta cena criada a partir de diferentes fotos captadas pelas lentes de Alejandro, formando uma composição inexistente a partir de cenas que existiram, como a tropilha de cavalos, captada em San Antônio de Areco/Argentina, ou o Pampa captado no interior do Uruguai, ou a tapera ao longe, captada em Uruguaiana/RS, assim como o céu. O reflexo no açude é uma criação do artista.



Alejandro Arnutti
DIA DE CARNEAÇÃO
2022
[série A Nação Pampa]
óleo sobre tela
60 x 80 cm

Depoimento sobre a obra “dia de carneação”

Abater um animal é prática mais antiga que o próprio *Homo sapiens*: já nossos ancestrais anteriores à espécie o faziam. A diferença é que, hoje, os animais que consumimos são domesticados e os métodos de abate, mesmo no campo, tornaram-se mais rápidos e eficientes, buscando evitar o sofrimento — eticamente intolerável e ainda responsável por endurecer e comprometer a qualidade da carne.

Trata-se, porém, de tema complexo, em que países e legislações divergem. No Brasil, é proibido o abate de bovinos, ovinos e suíños fora de frigoríficos registrados. No Uruguai, ao contrário, a lei permite o abate desses animais nas próprias estâncias, para consumo interno, desde que observadas normas sanitárias e de bem-estar animal. Em um país de forte tradição pecuária, esse tipo de abate em propriedades rurais é prática corrente, sobretudo em pequenas e médias estâncias.

Resta, então, a questão inevitável: qual dessas legislações, afinal, é a verdadeiramente correta?



Alejandro Arnutti
GAÚCHO NA MANGUEIRA
2021
[série A Nação Pampa] 25
óleo sobre tela
100 x 150 cm



Alejandro Arnutti
UM CALOR DE DERRETER, 2017
[série A Nação Pampa]
Pastel seco sobre MDF, 60 x 70 cm



Alejandro Arnutti
RONDA DE FOGO E GAITA
2021
[série *A Nação Pampa*]
óleo sobre tela
50 x 70 cm



Alejandro Arnutti
ENTARDECER
2021
[série *A Nação Pampa*]
óleo sobre tela
100 x 150 cm



Alejandro Arnutti
TOCANDO A BOIADA,
2018
óleo sobre tela
200 x 320 cm

Depoimento sobre a obra “Tocando a Boiada”

O instante retratado evoca uma cena típica da lida campeira: o gado solto é reunido no campo e conduzido, por estradas de terra, de uma parte da estância até a mangueira, onde os animais são selecionados e embarcados em carretas para venda, ou então vacinados, marcados ou castrados. Nesse deslocamento, o pisoteio do solo ergue cortinas de poeira que formam veladuras transparentes e semitransparentes, gerando variações sutis de luz e sombra que ora realçam, ora velam a paisagem e seus elementos.

O gado desta obra não pertence a uma raça definida — são, por assim dizer, os “vira-latas caramelos” dos bovinos —, apresentando pelagens diversas e, portanto, mais “pictóricas”. São criados, em geral, em estâncias familiares, propriedades de pequeno ou médio porte administradas diretamente por uma família.



Alejandro Arnutti
MERINO ENVOLTO NA POLVADEIRA
2017
[série *A Nação Pampa*]
óleo sobre tela
50 x 70 cm



Alejandro Arnutti
SERVINDO O ASSADO
2017
[série *A Nação Pampa*]
óleo sobre tela
70 x 50 cm



Alejandro Arnutti
O REFRESCO DA LAGOA
2017
[série A Nação Pampa]
óleo sobre tela
100 x 150 cm



GINETEADA

2013

[série *A Nação Pampa*]

óleo sobre tela

110 x 140 cm

crítica

Adendo à fortuna crítica à obra de Alejandro Arnutti

... Eis que desponta entre nós, o pintor Alejandro Arnutti.

Em minha casa, ostento seu painel “Tropa estrada afora”. Ele encanta eventuais visitantes. Sente-se a poeira no ar e o galope dos potros, tal o perfeccionismo. É ele o pintor que nos faltava para nos reafirmar no plano pictórico. Em sua obra aflora essa magnifica identidade cultural que envolve e aproxima o gaúcho uruguai e o gaúcho do pampa brasileiro, como realidades humanas indivisíveis. Digo, com tintas leves, que o Rio Grande é um Uruguai que fala português.

De sua arte, deixai-me que diga: seus cavalos nas aguadas, bebendo a luz do entardecer, são de atordoante beleza lírica. O rosto de nossos velhos gaúchos, onde o tempo traça as trilhas, retratando as melenas orvalhadas dos campeiros. São obras de sentir o vento pousando sobre o rosto e o tempo moldando feições contundentes, heroicas, cotidianas, emblemáticas.

Os cavalos, de variadas pelagens, por sua arte preciosista, sabem captar o retouço das crinas balanceadas pelo vento. E são antigas senhoras, apaziguadas pela ternura, que lhe põem no colo a branca, macia e inocente ternura das ovelhas. Borregos, mugindo entre as molduras das porteiras das velhas mangueiras. A tosa, o carnear, testemunhados com mão precisa e o dom mágico da revelação do real em sínteses absolutas.

E o que dizer das tropas de gado e cavalhadas! Elas levantam poeira e surpresa, num deslumbe inusitado. E alcançam vastidões de encantamento que somente um grande artista pode provocar. Seus laçadores nos enlaçam, e nos quedamos presos à graça dessas obras magnificas, oportunas e necessárias.

Estejamos com ele, nas expressões vivas de sua arte.

O Rio Grande ganhou um prêmio, recebeu o legado de um belo patrimônio artístico, foi agraciado com um reflexivo espelho, onde nossa alma se reflete. Sobre a obra de Alejandro Arnutti, podemos dizer que hoje o seu trabalho assegura a sua presença na galeria dos grandes pintores de nossa temática gaúcha. Foi uma honra inusitada adornar essa obra com textos de rodapé, modestos pedestais ao seu múltiplo trabalho criativo.

Em Alejandro Arnutti, temos o olhar perceptivo a captar a forma exata da composição. Uma visão do movimento apreendido em suas variantes no espaço e no tempo. Uma sensibilidade aguçada em relação às cores, onde o real e o imaginário correm de rédea solta pelos campos de sua arte. As variadas nuances do Pampa transbordam de seus pincéis.

Assim vejo.

Assim penso.

Assim sinto a obra de Alejandro Arnutti

Luiz Coronel

escritor

2022

inacabados

Nesta série, o artista investiga o diálogo entre óleo e acrílico, bem como entre o figurativo e o abstrato. Fragmentos das composições surgem finalizados em diferentes faces e camadas, enquanto trechos da primeira imprimação — com pinceladas soltas e abstratas de tinta acrílica — permanecem à mostra, interagindo com o realismo minucioso construído em tinta a óleo.

Busca-se, assim, um campo de tensão e ressonância: o movimento e o dinamismo formais ecoam o ímpeto das cenas representadas. A pincelada livre e vigorosa espelha o esplendor muscular, a força em explosão dos gaúchos e dos animais retratados, instaurando um ritmo visual que oscila entre a sugestão e a precisão.



Alejandro Arnutti
PALETEADA, 2020
[série *Inacabados*]
óleo sobre acrílica sobre tela
100 x 150 cm



Alejandro Arnutti
Rastros de Paleteada, 2018
[série *Inacabados*]
óleo sobre acrílica sobre tela 36
125 x 140 cm



Alejandro Arnutti
COLORADO MALACARA, 2017
[série *Inacabados*]
óleo sobre acrílica sobre tela
80 x 60 cm



Alejandro Arnutti
TELMO DE LIMA FREITAS, 2017
[série *Inacabados*]
óleo sobre estopa
110 x 100 cm



Alejandro Arnutti

PAISANO E SEU PALHEIRO, 2018

[série *Inacabados*]

óleo sobre acrílica sobre tela

60 x 80 cm

Coleção particular de Maria Inês

Menezes e Mano Menezes



Alejandro Arnutti

JOGO DE TRUCO, 2018

[série *Inacabados*]

óleo sobre acrílica sobre tela

50 x 70 cm



Alejandro Arnutti
COLHENDO OVOS, 2017
[série *Inacabados*]
óleo sobre acrílica sobre tela
50 x 70 cm



Alejandro Arnutti

TROPA ESTRADA AFORA, 2018

óleo sobre acrílica sobre tela

160 x 320 cm

esculturas



Alejandro Arnutti
O Gaúcho, o Cavalo Crioulo e o Gado, 2022
Resina, pastas metálicas e base de madeira
35 x 35 x 36 cm, peça única



Crioulo Baio Ruano

2019

Resina, pastas metálicas e
base de madeira e
mármore
57 x 35 x 32 cm, peça única



Crioulo Oveiro Colorado

2016

Resina, pastas metálicas e
base de madeira e
mármore
52 x 35 x 33 cm
peça única

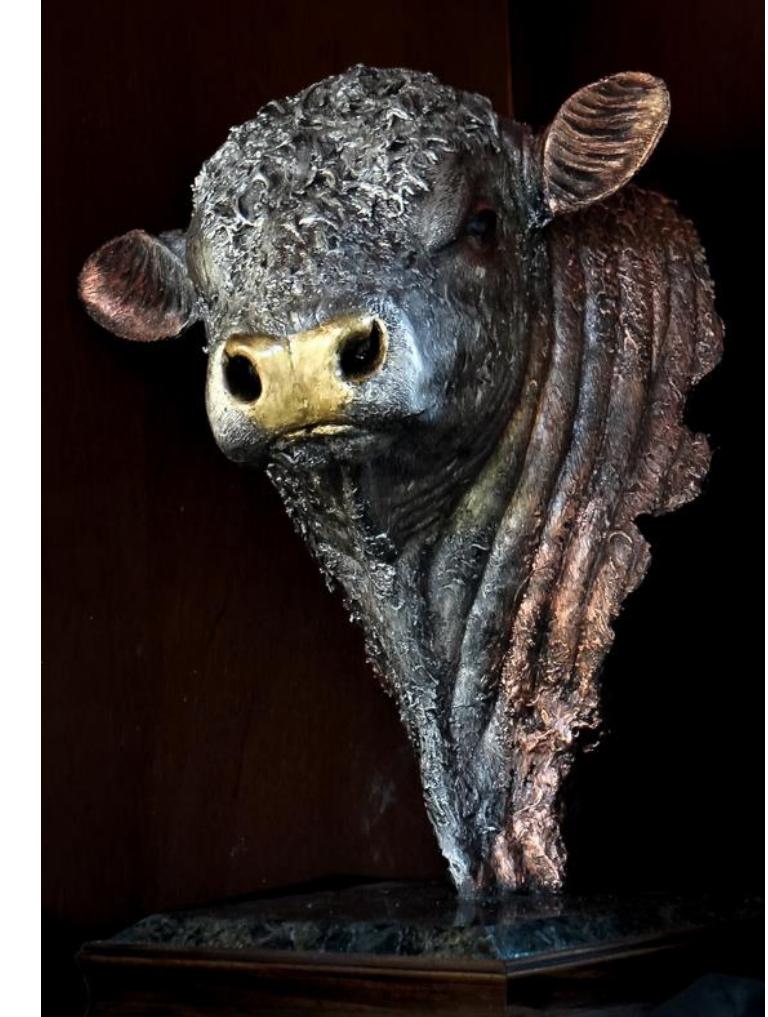


Touro Angus, 2017

Resina, pastas metálicas e base de
madeira e mármore
45 x 30 x 30 cm, peça única

Touro Hereford, 2017

Resina, pastas metálicas e
base de madeira e mármore
52 x 35 x 33 cm, peça única





Alejandro Arnutti

Retomada de Uruguaiana na Guerra do Paraguai

2014/2015

óleo sobre tela, 305 x 735 cm

Acervo da Prefeitura Municipal de Uruguaiana/RS, exposta em forma permanente no seu Salão Nobre

Depoimento sobre a obra “Retomada de Uruguaiana na Guerra do Paraguai”

A obra “Retomada de Uruguaiana na Guerra do Paraguai” representa um dos momentos históricos mais importantes dessa que foi a maior guerra da história da América do Sul. O instante representado nela mostra a presença de várias figuras que marcaram a história do Brasil e estiveram presentes em Uruguaiana-RS nesse 18 de setembro de 1865 tais como o Imperador Dom Pedro II, seus genros Conde D'Eu e Duque de Saxe (também é o autorretrato do artista), Duque de Caxias, Tamandaré, Bento Martins, Conde de Porto Alegre, Floriano Peixoto, David Canabarro, Bartolomé Mitre (Presidente da Argentina) e Venancio Flores (presidente do Uruguai). A obra foi inaugurada em 2015 no aniversário de sesquicentenário do evento, e permanece exposta em forma permanente na parede central do Salão Nobre da Prefeitura Municipal de Uruguaiana-RS.

O exército paraguaio, por ordem do seu presidente Solano Lopes, avançava sobre os territórios brasileiro e argentino. 5.000 soldados de cada lado do rio Uruguai desciam do Paraguai em direção ao Uruguai, saqueando as cidades por onde passavam, e deixando um rastro de destruição, estupros e mortes da população de ambos os países, até ser cercado em Uruguaiana pelas tropas da Tríplice Aliança (união dos exércitos brasileiro, uruguai e argentino), onde, após longo período de negociação, decidiu se render e assim foi evitado um grande derramamento de sangue. A partir desse momento o exercito paraguaio parou de avançar e passou a retroceder ao seu país gradativamente, até perder a guerra em 1870.

currículo

Alejandro Arnutti

[Artigas/Uruguai, 1981 - Vive e trabalha em Uruguaiana/RS]

Exposições Individuais

2022 - "Estância da Arte" - Cur. Marciano Schmitz - EXPOINTER, Esteio/RS-Brasil
2018 - "Encantos dos Pampas" - EXPOINTER - Esteio/RS-Brasil
2018 - "Pampa Além Fronteiras" - Cur. Sergio Rojas - Memorial do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS-Brasil
2017 - "A Gênesis do Pampa" - EXPOINTER - Esteio/RS-Brasil
2016 - "A Alma do Pampa" - EXPOINTER - Esteio/RS-Brasil
2016 - "El Gaucho del Pampa"- La Barra - Punta Del Este - Uruguai
2014 - "Recuerdos del Pampa" - ALARTE, Montevidéu, Uruguai

Obras em Acervos Públicos

2025 - Acervo da Câmara de Vereadores de Piracicaba/SP
2024 - Acervo da Câmara de Vereadores de Uruguaiana/RS (Galeria de Ex-presidentes)
2023 - Acervo da Prefeitura Municipal de Quarai/RS (Galeria de Ex-prefeitos)
2023 - Acervo Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul
2023 - Acervo do Governo do Estado do Rio Grande do Sul
2022 - Acervo da Prefeitura Municipal de Uruguaiana/RS (Galeria de Ex-prefeitos)
2015 - Acervo da Prefeitura Municipal de Uruguaiana/RS

Prêmios

Exposições Coletivas

2025 - LXX Salão de Belas Artes de Piracicaba/SP
2013 - Expo Punta Arte Internacional, Punta del Este/Uruguai
2013 - Mostra 100 x 100 Arte Ítalo-argentino, Salerno/Italia

Publicações Importantes

Formação

2022 - Curso de fotografia documental com Tadeu Vilani e Guto Oliveira
2020 - Curso de pintura de retrato com Javier Arizabalo
2015 - Curso de escultura de figura humana com Alex Oliver - São Paulo/SP
2012 - Curso de pintura de paisagem com Alexandre Reider

2023 - Entrevista no programa Jornal do Almoço da emissora RBSTV afiliada TV GLOBO
2022 - Comercial na emissora RBSTV, afiliada REDE GLOBO
2022 - "Espaço Cultural leva Arte Campeira a Expointer" - Jornal O Sul
2018 - Jornal "Zero Hora", Porto Alegre/RS - Brasil
2018 - "Arte" da RBSTV (afiliada TV GLOBO e no Globo Play)

Alejandro Arnutti

alejandroarnutti1@gmail.com

+55 (55) 99918-9712

@alejandroarnutti

www.alejandroarnutti.com

